

A Linguagem e a socialização como dimensões terapêuticas da contação de histórias

Language and socialization as therapeutic
dimensions of storytelling

Abraão Carneiro do Carmo Rodrigues*

Universidade do Estado da Bahia

Aiane Maria Assunção do Rosário**

Universidade do Estado da Bahia

Rosemary Lapa de Oliveira***

Universidade do Estado da Bahia

*Professor da rede básica de educação do Estado da Bahia, psicanalista, NAPSI, especialização em ciências da natureza, suas tecnologias e o mundo do trabalho, UFPI /2022, licenciatura em ciências biológicas, UNEB/2015, graduando em psicologia, UNEB, e-mail: rodrigues.a.c90@gmail.com.

** Acompanhante terapêutica, Espaço Tempo de Cuidar, Bolsista de Iniciação Científica (CNPq), UNEB/2020-2022, graduanda em psicologia, UNEB, e-mail: rosarioanne338@gmail.com.

***Professora titular, UNEB, doutorado em educação, UFBA/2013, mestrado em letras e linguística, UFBA/2007, especialização em psicanálise, Dom Alberto/2020, graduação em letras vernáculas com inglês e literatura, e-mail: rloliveira@uneb.br

Resumo: A contação de histórias apresenta possibilidades heterogêneas, dentre as quais como recurso terapêutico em espaços de saúde mental em função de seu potencial para a expressão de conflitos psíquicos, assim como para a simbolização do sofrimento. O objetivo deste trabalho consiste em apresentar parte dos resultados de duas pesquisas de Iniciação Científica e discutir as dimensões terapêuticas da linguagem e da socialização envolvidas no ato de contar histórias. Ambas produziram informações a partir do uso de entrevistas narrativas e registros videográficos junto a contadores de histórias tradicionais de cidades do interior da Bahia. Os dois subprojetos apontam para as potencialidades terapêuticas da contação de histórias, considerando a presença de elementos paralinguísticos e de gestos de interação na performance do contador de histórias que colaboram para a inserção da criança em um processo dialógico, cuja língua se encontra em funcionamento, o que a leva, a partir de pressupostos da teoria psicanalítica, a ocupar um lugar enunciativo que favorece o desenvolvimento da linguagem, ao passo que contribui para o desenvolvimento de competências relacionadas à socialização por meio do contato com elementos culturais compartilhados, que favorecem o sentimento de pertencimento e identificação. Desse modo, os resultados do subprojeto apontam para outras possibilidades terapêuticas do ato de contar histórias, demonstrando que o aspecto terapêutico vai além da resolução de conflitos e da mediação de problemas afetivos, ratificando, com isto, a atualidade e as diversas potencialidades das narrativas orais.

Palavras-chave: Contação de histórias; Terapêuticas; Linguagem; Socialização.

Abstract: Storytelling presents heterogeneous possibilities, among which as a therapeutic resource in mental health spaces due to its potential for the expression of psychic conflicts, as well as for the symbolization of suffering. This work's goal is to present part of the results of two Scientific Initiation researches and to discuss the therapeutic dimensions of language and socialization involved in the act of telling stories. Both results produced information through the use of narrative interviews and video recordings with traditional storytellers from cities in the countryside of Bahia. The two subprojects point to the therapeutic potential of storytelling, considering the presence of paralinguistic elements and interaction gestures in the storyteller's performance that contribute to the insertion of the child in a dialogical process whose language is in operation, which leads to, based on the assumptions of psychoanalytic theory, engage an enunciative place that favors the development of language, while contributing to the development of competences related to socialization through contact with shared cultural elements, pandering to the feeling of belonging and identification. In this way, the results of the subproject point to other therapeutic possibilities of the act of storytelling, demonstrating that the therapeutic aspect goes beyond the resolution of conflicts and the mediation of affective problems, confirming with this the actuality and the diverse potentialities of oral narratives.

Key-words: Storytelling; Therapeutics; Language; Socialization.

*Recebido em 31 de outubro de 2022
Aprovado em 12 de fevereiro de 2023*

RODRIGUES, Abraão Carneiro do Carmo. ROSÁRIO, Aiane Maria Assunção do. OLIVEIRA, Rosemary Lapa de. A Linguagem e a socialização como dimensões terapêuticas da contação de histórias. *Léguas & Meia*, Brasil, v. 14, n. 2, p. 146-165, 2022.

Introdução

A produção e a utilização de narrativas se mantêm vivas no cenário contemporâneo, perpassando múltiplos contextos e cenários, para além daqueles que estão veiculados ao puro entretenimento. Tal permanência, observada por Costa (2015), demonstra não só a atualidade da contação de histórias e sua presença nos diversos espaços, mas a capacidade das narrativas em encantar e interessar os mais diversos públicos. De acordo com Costa (2015), dotadas de novas roupagens e assumindo novas linguagens, as histórias continuam a circular e mobilizar os sujeitos que entram em contato com elas.

Dentre as histórias produzidas e que se mantêm na contemporaneidade, os contos de fadas, segundo Souza (2015), têm despertado o interesse não só dos mais variados públicos, mas, de uma série de campos do saber, dentre eles, a Psicanálise, a Pediatria, a Educação, a Psicoterapia, a Literatura e a Antropologia, evidenciando, em função disso, possibilidades heterogêneas de uso desses contos em contextos diversos.

Tendo isso em vista, destacamos, neste trabalho, o potencial terapêutico da contação de histórias, demonstrado pelo desenvolvimento dessa prática em contextos de saúde, especialmente nos de saúde mental, cuja efetividade é sinalizada por autores como Bettelheim (2015) e Gutfreind (2020). Esses autores evidenciam diversificados benefícios fornecidos pelo uso dos contos de fadas tanto para o tratamento de pessoas que apresentam algum tipo de sofrimento psíquico, a partir de um trabalho interventivo que faz uso dos contos, enquanto mediador do processo terapêutico, quanto para o desenvolvimento psicossocial dos sujeitos por meio do contato com esse tipo de narrativa.

Gutfreind (2020), por exemplo, realizou uma pesquisa no contexto clínico para avaliar os efeitos terapêuticos do conto no tratamento de crianças em contexto de carência afetiva. Para isso, o autor desenvolveu um ateliê em que práticas de contação de histórias, associadas a momentos de elaboração associativa, eram executadas enquanto prática interventiva grupal. O autor observou que o trabalho psicoterápico, mediado pelo uso de narrativas, colaborou para que as crianças representassem seu sofrimento, encontrando nelas um veículo de exteriorização da dor da separação de seus pais. Assim, Gutfreind (2020) destaca a capacidade do conto se emprestar às crianças como instrumento de simbolização, que, por estimular a imaginação, favorece o uso da criatividade na expressão de conflitos psíquicos.

Não obstante, a potência psicoterápica da contação, Bettelheim (2015) também deu mostras dos benefícios psíquicos dos contos para o desenvolvimento saudável da personalidade. Para esse autor, as narrativas maravilhosas se prestam à organização do psiquismo da criança, possibilitando a projeção e compreensão dos processos internos vivenciados por ela, cujo domínio ainda não possui. Isso porque, de acordo com Bettelheim (2015), apesar da criança experienciar desejos, conflitos internos e afetos ambivalentes por seus genitores, não possui recursos próprios de simbolização e ordenação do que vivencia. O contato com os contos de fadas, portanto, segundo o autor, oportuniza a estruturação e o ordenamento das experiências internas do sujeito em formação, bem como a resolução dos aspectos conflitivos que lhe atravessam.

Desse modo, é como se as narrativas servissem ao indivíduo como espelho do que lhe acontece na intimidade, refletindo-lhe, no entanto, não o caos interno, mas imagens organizadas das suas vivências subjetivas, reorganizadas de modo a torná-las compreensíveis e administráveis. Nesse sentido, as personagens e o enredo de uma história contada são palcos de projeção, conforme Bettelheim (2015), materializam e/ou

exteriorizam os processos da subjetividade da criança em desenvolvimento e apresentam possibilidades para a resolução de seus conflitos afetivos. Trata-se, pois, de dar ao sujeito subsídios de elaboração de suas questões psicológicas.

Ciente das possibilidades terapêuticas mencionadas, nos anos de 2020 e 2021 dois subprojetos de Iniciação Científica (IC), intitulados *Contação de Histórias e Psicanálise: a musicalidade e a ritmicidade da voz nos processos de desenvolvimento da linguagem e Histórias Contadas por Contadores Tradicionais e suas Contribuições para Crianças com Dificuldades de Socialização* buscaram verificar o potencial terapêutico dos atos de contação e das narrativas orais produzidas no que diz respeito ao desenvolvimento da linguagem e nos processos de socialização. Ambos estavam inscritos no projeto Cacimba de Histórias¹ e, a partir do contato com contadores tradicionais, analisaram as duas dimensões terapêuticas mencionadas dos contos coletados e das performances envolvidas à luz de teorias psicológicas.

As pesquisas, nos âmbitos da linguagem e da socialização, enquanto possibilidades terapêuticas do ato de contar histórias, justificam-se pelo predomínio de intervenções em contextos de psicoterapia ou de tratamentos emocionais. Apesar de reiteradas defesas sobre o valor terapêutico dos contos e das práticas de contação nesses espaços, o que aponta para um relativo consenso entre os pesquisadores da prática em relação a esse aspecto, consideramos a multiplicidade de possibilidades interventivas, cujos delineamentos ultrapassam a possibilidade de resolver conflitos intrapsíquicos e de saúde mental.

Em conformidade com isso, a teoria psicanalítica aponta para terapêuticas de linguagem na tenra infância, a fim de colaborar para sua aquisição e desenvolvimento, processos implicados na própria constituição subjetiva do sujeito, conforme Groisman e Jerusalinsky (2018). Tais autores pontuam que uma terapia de linguagem, assentada na psicanálise, consiste na estruturação de um diálogo que insere a criança no lugar de interlocutor, de modo a fazer funcionar, no processo, a língua em sua dimensão simbólica. Trata-se, portanto, de falar com a criança e tomar suas ações, como salienta Ferreira (1997), como atos de falas, instaurando um dialogismo necessário à entrada do sujeito na linguagem. Cabe salientar que, por seu turno, as possibilidades de representação dos conflitos psíquicos por meio dos contos, tal como foi sinalizado por Bettelheim (2015) e Gutfreind (2020), requerem o domínio dos processos de simbolização, adquirido pela apropriação da linguagem pelo indivíduo.

A psicologia social, por sua vez, considera a socialização como um fator essencial para a formação dos sujeitos. Para Wazlawick et al (2017) o processo de socialização é formado por diversas etapas que auxiliarão na adaptação ou mudança de comportamento do sujeito perante as normas e regras culturais impostas pela sociedade. Nesse sentido, é a partir desse processo de interação que o sujeito, através das experiências sociais adquiridas, participa ativamente da construção social e da construção de si mesmo, de modo a se tornar membro funcional de uma comunidade.

Dessa forma, para além da compreensão sobre a mitigação do sofrimento psíquico, os subprojetos mencionados prestaram-se, por meio de investigação, a ampliar

¹ O Projeto Cacimba de Histórias é uma ação do Grupo de Estudos e Pesquisas em Poéticas Oraís que integra algumas Instituições de Ensino Superior (IES) públicas do estado da Bahia, dentre as quais a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), instituição na qual os subprojetos mencionados neste trabalho são desenvolvidos, dentro do Grupo de Pesquisas e Estudo em Leitura e Contação de Histórias (GPELCH). Maiores informações podem ser acessadas através do site do grupo <https://gplchuneb.blogspot.com/>.

o entendimento sobre as possibilidades terapêuticas da contação de histórias, discutindo suas potencialidades. Logo, o objetivo deste trabalho consiste em apresentar parte dos resultados das referidas pesquisas e, em seguida, discutir as dimensões terapêuticas da linguagem e da socialização envolvidas no ato de contar histórias.

Iniciaremos o trabalho pela apresentação dos resultados do subprojeto *Psicanálise e Contação de Histórias: a musicalidade e a ritmicidade da voz no desenvolvimento da linguagem*, em paralelo com sua discussão. Em seguida, serão relatados e discutidos os resultados da pesquisa intitulada *Histórias Contadas por Contadores Tradicionais e suas Contribuições para Crianças com Dificuldades de Socialização*. Ao seu término, destacamos as possibilidades terapêuticas na contação de histórias, considerando os referenciais teóricos discutidos ao longo das pesquisas realizadas e os resultados obtidos nos dois subprojetos.

Contação de Histórias e Psicanálise: por uma terapêutica da linguagem

O subprojeto de Iniciação Científica: (IC) *Contação de Histórias e Psicanálise: a musicalidade e a ritmicidade da voz no processo de desenvolvimento da linguagem*, buscou investigar o potencial terapêutico da voz no ato de contar histórias para o desenvolvimento da linguagem, considerando aspectos de ritmicidade e musicalidade. Partiu-se do pressuposto de que o contador de histórias faz uso de recursos da oralidade que conferem sonoridade e cadência às narrativas produzidas e que, por conta disso, esses recursos possuem potencial terapêutico que incidem nos processos de aquisição e desenvolvimento da linguagem, tendo em vista o que preconiza a teoria psicanalítica a respeito de tais processos, a saber, que a voz modulada por um adulto cuidador contribui para a inserção da criança em um processo de conversação dialógica que é necessário à entrada na linguagem.

Para alcançar o objetivo definido, realizamos entrevistas narrativas com contadores de histórias da cidade de Santaluz, Bahia e produzimos vídeo-gravações de alguns dos contos por eles produzidos, analisando, por conseguinte, as modulações vocais empregadas e demais elementos de musicalidade e ritmicidade emitidos pelos sujeitos da pesquisa. As informações produzidas, a partir dos procedimentos utilizados, foram transcritas, considerando as orientações fornecidas pelo Manual de conversação de Marcuschi (2003), realizando, em seguida, a análise de conversação do material em paralelo à articulação teórico-conceitual de teor comparativo entre a contação de histórias e a prosódia contida na relação mãe-bebê, apresentada na literatura psicanalítica. Dessa forma, pudemos comparar e discutir a vocalização empregada pelo contador de histórias com aquela realizada pela mãe na relação com a criança pequena, de modo a verificar convergências que apontassem para o potencial terapêutico de linguagem envolvido.

Salientamos que a identificação das modulações vocais realizadas pelos sujeitos de pesquisa se deu a partir da percepção das alterações de tonalidade e velocidade e sua transcrição a partir das orientações de Marcuschi (2003) sobre transposição da fala à escrita, de modo que não foi realizada nenhum tipo de mensuração física de elementos prosódicos, como, por exemplo, a frequência fundamental.

Antes de apresentarmos os resultados obtidos através do contato com os sujeitos de pesquisa, buscaremos, de forma sintética, expor parte dos achados teóricos a respeito da voz na contação de histórias e na teoria psicanalítica, inscritos também como parte dos resultados da pesquisa desenvolvida. Trata-se, pois, de situar, a partir de referenciais teóricos da contação de histórias e da psicanálise, como a voz confere musicalidade e

ritmicidade às narrativas e de que forma essa sonorização contribui para o desenvolvimento da linguagem, a fim de melhor compreender a proposta que aqui apresentamos.

Partimos, nesse sentido, da ideia de que a história contada não consiste apenas em um conteúdo endereçado a um determinado público, mas possui, além dele, uma forma característica, que é construída e moldada, de acordo com Sisto (2012), por aquele que a conta, através do uso de uma série de elementos, tais como gestos, expressões faciais, pausas, silêncios e modulações vocais que, segundo o autor, em parceria com a seleção das palavras, agem como coparticipantes da produção da narrativa, além de contribuírem para despertar o interesse daqueles que a escutam.

Para Sisto (2012), os elementos que conferem uma boa forma à narrativa funcionam como recursos indispensáveis ao contador de histórias, que devem ser utilizados de acordo com as suas intenções e objetivos. Dentre todos esses instrumentos disponíveis àqueles que contam, a voz é destacada por Matos e Sorsy (2009), por a considerarem como potencializadora da capacidade que a narrativa tem de emocionar, promover reflexão, entreter e despertar a imaginação daqueles que a escutam. Para tanto, os autores consideram que o contador de histórias deve estar atento aos momentos em que deve modular a voz, promovendo alterações no ritmo e no tom, de modo a cativar o público e interagir com ele.

O modo de vocalizar, portanto, imprime em cada história uma melodia e um ritmo singulares, que, segundo Busatto (2012), serão percebidos e apreendidos pelos ouvintes, os envolvendo através dos sentimentos e das musicalidades surgidas no processo de escuta da narrativa. Essa ‘leitura’ do aspecto sonoro-afetivo da história é possível, de acordo com a autora, pela capacidade que as palavras possuem de abarcar mais que significados, indo além dos aspectos sintáticos e semânticos.

No âmbito da teoria psicanalítica, por sua vez, a voz assume relevância, de acordo com Julieta Jerusalinsky (2014), por conseguir convocar a criança pequena às primeiras interações de conversação com o adulto, tendo em vista ser capaz de atrair sua atenção e mobilizá-la em termos psicomotores, motivando-a a sustentar uma relação com seu cuidador. Contudo, a vocalização emitida pela mãe, ou qualquer pessoa que materne, que consegue capturar o recém-nascido num espaço de dialogismo, deve, segundo a autora, apresentar uma musicalidade que é demarcada pelos prosódicos utilizados, daí afirmar que “se há algo que caracteriza a fala das mães quando elas se dirigem ao seu bebê, é a prosódia, o amplo uso da musicalidade que acompanha aquilo que se tem a dizer” (JERUSALINSKY, 2014, p. 68).

Para Couvert (2020), a clínica com bebês têm demonstrado que o recém-nascido apresenta uma grande apetência pela voz dos seus cuidadores quando esses, ao interagirem com ele, conversam utilizando uma fala mais melodiosa, promovendo nele reações que configuram como respostas à essa vocalização mais musicalizada, de modo a circunscrever um instante de interação mediado pela voz, daí a autora afirmar que “tudo se passa como se o bebê estivesse entusiasmado pela musicalidade do manhês” (COUVERT, 2020, p. 136). A voz melodiosa, portanto, atua na convocação da criança à interlocução, por meio da produção de um laço afetivo com o outro que o chama (JERUSALINSKY, 2014).

Essa maneira particular de falar, acompanhada de musicalidade, tem sido designada de *manhês*, por se apresentar tipicamente na relação que a mãe estabelece com o bebê, em que realiza adaptações sintáticas, semânticas e prosódicas, que, para Alfredo Jerusalinsky (2004), funcionam como amortecedores da complexidade e intrusividade da

língua que a criança ainda não domina. Daí Ferreira (1997) sublinhar que esse tipo de fala se adequa às necessidades linguísticas do recém-nascido. É em função disso, que o cuidador se dirige à criança por meio de

[...] entoação que se caracteriza pela grande incidência dos picos prosódicos, pela sintaxe simplificada, pelo uso de diminutivos, pela evitação de encontros consonantais - frequentemente suavizados por substituição de fonemas -, pela repetição silábica e pelo uso de um registro de voz mais alto (agudo) que o habitual (JERUSALINSKY, 2014, p. 67).

Assim, a voz e sua prosódia têm papel importante na relação com a criança, por colaborar para sua inserção em estruturas de diálogo que expõem o recém-nascido à língua materna, fornecendo a ele posição discursiva enquanto sujeito falante, antes mesmo de dominar o código linguístico. É essa exposição, segundo Vorcaro (2004), que deve fundamentar as terapias de linguagem, como aquelas desenvolvidas na clínica do autismo. Trata-se, nesse sentido, de uma terapêutica que oportuniza a emergência do sujeito e que, por conseguinte, conforme Catão (2009), colaboram na efetivação das operações de constituição subjetiva que o estruturam na linguagem.

Cabe destacar, no entanto, que as particularidades da melodia vocal utilizada no *manhês* não promovem, em si mesmas, uma terapêutica do desenvolvimento da linguagem, mas dão início a ela, pois é capaz de atrair a criança para o enquadre conversacional em que a língua será posta em funcionamento, assumindo nele o lugar de falante. Logo, as análises que se pretendem sobre a voz na contação de história buscam verificar, na performance dos contadores, elementos de oralidade que apontem para a possibilidade de introduzir a criança em um espaço que dê subsídios para a aquisição e o desenvolvimento da linguagem, de modo a favorecer, por conseguinte, o funcionamento da subjetividade em sua capacidade de simbolização.

Assim, é por considerar, nesse contexto, que no ato da contação de histórias há impressão de sonoridade, conforme salientou Busatto (2012), e que o contador de histórias, segundo Matos e Sorsy (2009), convocam e interagem com o público através do uso da voz com alterações no tom e no ritmo durante o ato, que consideramos a possibilidade das histórias contadas apresentarem potencial terapêutico para o desenvolvimento da linguagem, por capturarem a criança a um momento marcado pela interação e a interlocução, como bem destacou Sisto (2012).

Tendo em vista as discussões e os achados teóricos delas resultantes, iniciaremos a apresentação e discussão das informações produzidas a partir das entrevistas narrativas realizadas e das vídeo-gravações acessadas. Para tanto, vamos situar essas informações no recorte da sua produção junto aos sujeitos de pesquisa, aqui designados por Z e C, ambos contadores de histórias do município de Santaluz, localizado na região sisaleira da Bahia. O primeiro é um trabalhador rural que se apresenta enquanto *griot sisaleiro*, o segundo, por sua vez, é uma professora de educação infantil que utiliza a contação de histórias como prática pedagógica.

A escuta e observação das performances de Z e C a partir das entrevistas e das vídeo-gravações permitiram identificar a presença de algumas características do *manhês* na vocalização dos contadores, que, por consequência, conferiam musicalidade e ritmicidade às histórias que foram contadas. Catão (2009) destaca a elevação do tom de voz, a emissão de voz mais aguda, a silabação, o alongamento de vogais, a velocidade mais lenta nas vocalizações e a entonação mais exagerada como os principais atributos

da prosódia utilizada no manhês. Parte dessas características converge para as sinalizações feitas por Matos e Sorsy (2009) sobre o uso da voz na prática da contação de histórias, mais especificamente as variações de ritmo e tom. Cada contador, no entanto, apresentou especificidades na modulação vocal e, com isso, nos tipos de características utilizadas desse modo particular de fala.

A voz de Z apresenta, durante sua performance, variações de volume e de velocidade, demarcando uma oscilação constante de tom e ritmo, o que corrobora as afirmações de Matos e Sorsy (2009), a respeito da vocalização do contador. Em muitos momentos das histórias contadas, Z apresenta falas enfáticas, que sinalizam o aumento do tom, característica que é apontada por Catão (2009) como estando presente no manhês, pois a mãe tende a falar mais alto com a criança pequena. No que diz respeito à velocidade, o contador alterna o ritmo da voz, de modo que sua fala ora se apresenta mais lenta, ora mais apressada, variando com isso a entonação; porém, tende a fazer maior uso de falas apressadas, o que diverge da velocidade típica utilizada no manhês, que é, de acordo com Catão (2009), mais lenta.

Uma característica do manhês bastante marcante na performance de Z é a agudização da voz. Julieta Jerusalinsky (2014) considera que o registro de voz mais agudo tende a estar presente no modo como as mães falam às crianças pequenas. Cesar et al (2014) também destacam o uso corrente desse tipo de modulação vocal na contação de histórias, reconhecendo-a como um aspecto paralinguístico importante para a representação das personagens de um conto, reconhecendo a emissão vocal aguda como uma tonalidade comum na apresentação de tipos de pessoas mais complacentes, a exemplo de indivíduos velhos e frágeis.

Ademais, foi possível observar a presença tímida de alongamentos de vogais na contação desse sujeito de pesquisa e não identificamos o uso de silabação. Essas duas características, como já mencionado, compõem também, conforme Catão (2009), a fala do tipo manhês, tendo sido, portanto, os elementos menos expressivos desse modo de fala na contação de Z.

No ato de contação de C, por sua vez, também foram observadas alternâncias de tom e de velocidade. No entanto, de modo geral, sua vocalização se apresenta de forma mais lentificada, tendendo a variar mais o tom do que a velocidade, especialmente nos momentos da história em que confere ênfase e acentuação a algumas expressões utilizadas. Além disso, durante a maior parte da narrativa, notamos o uso de alongamentos de vogais e pouca recorrência ao uso de silabação e a agudização da voz. Também foi possível observar, em alguns trechos da história, pequenas pausas.

As variações vocais desenvolvidas por C, além de corroborar com o que falou Matos e Sorsy (2009) sobre a típica variação de tom nas práticas dos contadores de história, apresenta também características prosódicas comumente utilizadas na modulação de voz do manhês, tal como pontua Catão (2009), a saber, o alongamento de vogais e a lentificação da voz, diferindo, portanto, do que foi observado na escuta da história de Z, em que notamos uma fala mais apressada.

Entretanto, a voz de Z, no que diz respeito à tonalidade, emite forte acentuação, de modo que sua fala tende a ser mais alta e enfática, aproximando-se, nesse sentido, mais do manhês, tal como já observamos. Em relação a isso, observamos que C, em muitas passagens da história, faz uso de uma voz mais baixa, quase que sussurrando, o que descaracteriza no aspecto elevação da voz um dos traços característicos da fala típica do adulto dirigida às crianças pequenas. Esse modo sussurrado, contudo, de acordo com Gomes (2003), é uma estratégia paralinguística usual dos contadores de histórias e tem

por finalidade facilitar a compreensão do conto, demarcando, por exemplo, as intenções das personagens, além de ser um recurso importante na mobilização afetiva dos ouvintes. Assim, não podemos perder de vista que o sussurro de C parecia cumprir mais à comunicabilidade da história e de seu conteúdo do que a uma adaptação às necessidades linguísticas das crianças. Até porque, seu público era composto de crianças na faixa etária dos 10 a 14 anos de idade.

Pudemos notar, por exemplo, que em determinado momento da história, C realiza sussurros, precisamente, quando uma das personagens, tomada por uma problemática, faz uma pausa para refletir sobre como resolver o problema que lhe acometera, de modo que, após solucionado, assume uma tonalidade contrária daquela, isso é, eleva mais uma vez seu tom de voz, marcado por nova acentuação. Acreditamos que o uso de tais recursos paralinguísticos se presta a situar para os ouvintes o que está acontecendo na narrativa, levando a sua melhor apreensão por parte das crianças, além de tentar demonstrar a carga afetiva e as variações emocionais vivenciadas pela personagem em questão. Isso está em consonância com o que afirma Gomes (2003), a respeito do uso da paralinguagem.

Além disso, a contação de C ilustra bem as ideias de Busatto (2012) sobre a finalidade da ritmicidade impressa no conto. A autora salienta que o ritmo dado a uma história não objetiva uma mera variação na velocidade, mas visa promover uma adaptação das situações narradas à prática da narrativa, ajustando os elementos da história ao contexto, ajuste que leva o contador a pensar rapidamente quando deve aumentar e diminuir a velocidade ou mesmo aplicar pausas e silêncios.

Contrapondo o uso de características do manhês nos dois atos de contação, constatamos que se Z utilizou uma voz mais aguda e um tom de voz mais alto, C contou a história mais vagarosamente e fez maior uso de alongamentos durante o processo. Isso não impede que outros contadores venham a combinar tais elementos, tornando o conto mais apetente à criança pequena. Logo, parte da potência terapêutica reside, portanto, no fato de que é possível contar histórias com recursos paralinguísticos que sonorizam a história de um modo que a criança seja convocada, tal como afirmou Jerusalinsky (2014), ao processo dialógico que a mãe realiza quando usa o manhês.

Considerando a análise empreendida até aqui, observamos, pois, que algumas variações vocais de Z e de C apresentaram marcas prosódicas e paralinguísticas que estão em consonância com o manhês, mesmo que no seu conjunto não tenha sido captada a modulação vocal típica desse modo de fala. É importante lembrar que, conforme Ferreira (1997), é o conjunto das características sintáticas, semânticas e prosódicas que conferem a particularidade do tipo de fala. Ao mesmo tempo, as diferenças no uso dessas características por parte dos dois contadores, a relembrar, tons mais elevados em Z e fala mais lentificada em C, chamam a atenção para as particularidades de cada contador, fato mencionado por Sisto (2012), ao afirmar que cada contador tem seu modo de contar.

Dessa forma, o autor afirma que o modo de apresentar a narrativa difere de um contador para outro, já que cada um fará uso de seus recursos, apresentando, pois, um modo singular de dizer. Daí sinalizar que cada contador deve descobrir e explorar as suas possibilidades de dar sonoridade à história que conta. Santos (2010) também dá destaque às especificidades de cada contador de histórias, afirmando que, por meio da seleção e do emprego dos elementos que constituem sua performance, isto é, das modulações vocais que realizam, do modo de olhar que utiliza e de como gesticula e se expressa, eles estabelecem uma identidade própria, diferenciando-se entre si. As características do manhês, por sua vez, podem, mesmo que não em sua totalidade, participar do conjunto

de estratégias daquele que narra, compondo parte dos recursos que utiliza, de modo a colaborar para a musicalização e cadência de uma história.

Tendo isso em vista, não podemos esgotar as possibilidades de características do manhês em contadores, nem tampouco nas histórias que eles nos forneceram. O que o material nos aponta, no entanto, é a probabilidade de que os elementos presentes na relação mãe-bebê também apareçam em atos de contação, principalmente com crianças pequenas. Todavia, como bem afirmou Machado (2015), toda contação de histórias, em função de se inscrever no âmbito da oralidade, terá sempre uma cadência construída por diversos tipos de modulações e, por objetivar a efetivação de momentos de interlocução, buscarão meios de convocar seu público à uma interação dialógica, ação que, segundo Vorcaro (2004), promove uma terapêutica da linguagem.

Contudo, a compreensão da inexistência de alguns dos elementos do manhês na prática narrativa desses dois contadores deve considerar dois aspectos, a saber, o tipo de interlocução estabelecida e a intenção do contador. Essas considerações se mostram relevantes pelos seguintes motivos: a) a presença de uma criança durante a prática de contar histórias pode, considerando as ideias de Laznik (2021), influenciar que tipo de recursos serão utilizados pelo contador e como ele os usará, afinal, como afirmou Sisto (2012), o público é quem suscita a adaptação da história por parte do contador; e b) para que a voz tenha um efeito terapêutico, ela deve funcionar como recurso narrativo capaz de convocar a criança a um diálogo, conferindo a ela um lugar discursivo no ato interativo estabelecido, impulsionando-a a emitir respostas que devem ser tomadas como atos de fala, conforme Ferreira (1997).

Além disso, considerando que a presença de crianças pequenas é fator crucial para que um adulto faça uso de características do manhês, é preciso ressaltar que o ato de contação de Z foi realizado na presença de adultos, não constando, portanto, crianças compondo seu público. Já C, embora tenha efetuado a narrativa com crianças, essas não possuíam idade pré-escolar, demonstrando estarem todas no uso amplo da linguagem. Considerando tal fato, acreditamos que as modulações vocais dos dois contadores estiveram sujeitas às influências do tipo de ouvinte a quem foram destinadas as histórias orais. Em concordância com essa afirmação, Sisto (2012) menciona que o sujeito que conta realiza adaptações tanto aos ouvintes quanto ao espaço em que performa. Também Laznik (2021), conforme mencionado, salienta a presença do bebê para que haja a incidência de picos prosódicos do manhês, de modo que temos que pensar, talvez, que, na performance do contador de histórias, uma voz musicalizada, marcada por características do modo de falar particular da relação mãe-bebê, pode se produzir a depender da configuração de seu público.

Não obstante, no que diz respeito ao dialogismo como premissa para o desenvolvimento da linguagem, observamos que C não só interage com as crianças como também as coloca como interlocutoras ativas durante o processo, convidando-as a sugerir que tipo de história contar, assim como a falar complementando algumas de suas falas. As crianças são colocadas, portanto, na condição de coconstrutoras da narrativa. Esse convite ofertado pela contadora se alinha à afirmação de Sisto (2012) sobre a prática do contador de histórias, que deve estar marcada pela interpelação dos ouvintes, que, por conta disso, não se reduzem a meros espectadores, mas assumem uma parceria na construção da história.

Busatto (2012), por seu turno, em relação a esta questão, pontua que diferente da leitura em voz alta, a contação não deve ser interrompida, pois “[...] permitir qualquer comentário durante a narrativa significa romper com esta magia” (BUSATTO, 2012, p.

67). Para a autora, o diálogo durante a contação pode dificultar a retomada da história. Contudo, acreditamos que deva ser considerado, tal como apontou Machado (2015), o objetivo do contador como o verdadeiro norteador da organização da história. Tendo isso em vista e considerando o que afirma Jerusalinsky (2014) e Ferreira (1997), a instituição de um espaço de conversação com o estabelecimento de turnos de fala é condição indispensável à ascensão da fala, de modo que pensar uma terapêutica de linguagem de orientação psicanalítica pela contação – com ênfase na voz – requer pensar qual lugar a criança ocupará durante o ato.

Também acreditamos que a intenção do contador pode ser decisiva para que sua voz assuma uma forma mais melódica. Afinal, Machado (2015) afirma que ela é o motor para a prática de contar histórias, conferindo-lhe sentido. Segundo a autora, é a partir da intencionalidade de quem conta que serão selecionados o repertório e os recursos a serem utilizados, pois, para ela, aquele que conta deve saber o porquê contar para que possa definir como o fazer. Essa condição da contação, pontuada por Machado (2015) nos abre espaço para questionar se uma contação orientada para a terapia da linguagem – em que o contador tem conhecimento da relevância da voz para as etapas de constituição subjetiva e, por conseguinte, de sua relação com a entrada na linguagem – não influencia a escolha de um modo de narrar em que se usem os elementos prosódicos próximos do manhês.

Sendo assim, em conformidade com o que discutimos, apesar de não termos percebido uma aproximação direta entre a voz dos contadores em questão e a que se apresenta na relação mãe-bebê, identificamos a presença de algumas características prosódicas do manhês, além de rimas, assonâncias e repetições que conferem musicalidade e ritmo à história contada e, com isso, entendemos que há nela potencial terapêutico, inscrito na possibilidade da narrativa funcionar como um objeto sonoro que convoca e seduz a criança que a escuta, fornecendo a ela possibilidade de entrada ou sustentação em um processo dialógico, necessário ao desenvolvimento da linguagem.

Por fim, reconhecemos, por meio da análise, que o que há de musicalidade e ritmicidade se deve mais às formas de contar do que ao conteúdo propriamente dito, o que, do ponto de vista psicanalítico, aponta para a prosódia particular do sujeito que revela particularidades inconscientes que o atravessa. Portanto, tais considerações ratificam a relevância terapêutica, neste caso, da enunciação, o que, dada à sua complexidade e fecundidade temática, requer maior aprofundamento por meio de pesquisas futuras.

Seguiremos apresentando os resultados e a discussão do subprojeto que buscou avaliar a contribuição da contação de histórias para os processos de socialização, explorando a segunda dimensão terapêutica do ato de contar histórias, discutida neste trabalho.

Contribuições das histórias tradicionais para o desenvolvimento da socialização infantil

O subprojeto de Iniciação Científica intitulado *Histórias Contadas por Contadores Tradicionais e suas Contribuições para Crianças com Dificuldades de Socialização* buscou compreender, através dos relatos de contadoras tradicionais, a contribuição das histórias tradicionais para o desenvolvimento da socialização infantil.

Segundo Costa (2015), o ato de narrar pressupõe o encontro e a interação com o outro, constituindo-se como atividade eminentemente social e, por conseguinte, como demandante do coletivo. Em conformidade com isso, foi proposta uma investigação sobre a possibilidade de as histórias contadas nas comunidades tradicionais intensificarem o

desenvolvimento de crianças com dificuldades de socialização, a fim de verificar o ato de contação de história realizado pelas griots², como um recurso facilitador no processo de interação infantil e atuação como membro ativo dentro da comunidade.

Para alcançar os objetivos definidos, foi realizada revisão de literatura, discussão teórica sobre contadores tradicionais e a socialização infantil, seguida da observação da prática da contação de histórias, registro videográfico, realização de entrevistas e aplicação de questionário com contadoras tradicionais da comunidade quilombola do Boitaraca e do Jatimane, localizadas na cidade de Nilo Peçanha, situada na Costa do Dendê, no Baixo Sul Baiano.

As informações produzidas foram submetidas ao método de análise de conteúdo fundamentado nas técnicas propostas por Bardin (1977), que consistem em três etapas, sendo elas: a) pré-análise, em que foram feitas leituras iniciais do material produzido, buscando identificar as categorias para análise, considerando a contribuição das histórias tradicionais no processo da socialização infantil; b) análise das respostas do questionário e dos trechos da entrevista selecionados e agrupados nas categorias eleitas, constituintes das unidades de registro; e c) articulação teórico-conceitual, buscando estabelecer comparações entre as informações produzidas e a literatura a respeito da temática.

Antes de iniciarmos as discussões acerca dos resultados obtidos com os participantes da pesquisa, buscaremos desenvolver um breve histórico da contação de histórias tradicionais, pontuando o seu surgimento, sua forma de propagação e sua relevância para a continuação até os dias atuais, assim como a sua relação e contribuição para o desenvolvimento da socialização infantil.

A arte de contar histórias, desenvolvida por contadores tradicionais, é, de acordo com Matos e Sorsy (2009), uma prática antiga que surgiu nas culturas orais e, portanto, muito antes do aparecimento e da difusão da escrita. No período ágrafo, as pessoas utilizavam a oralidade para narrar acontecimentos à comunidade, a fim de transmitir ensinamentos, valores, costumes, mitos e crenças de geração a geração (FLAVIANO et al, 2017). Os(as) contadores(as) eram considerados como *memórias vivas*, especialmente nas sociedades não letradas, cujos conhecimentos, segundo Matos e Sorsy (2009), impossibilitados de fixação pela escrita, circulavam pela comunidade através da narrativa oral, a fim de não caírem no esquecimento. Para os autores, a repetição das narrativas possibilita a memorização e a transmissão entre as gerações, além de oportunizar a criação de “laços indelévels de pertença ao grupo” (MATOS; SORSY, 2009, p. 4).

Logo, para as sociedades de tradição oral, as histórias eram reservatórios de saberes e meios de transmissão de conhecimentos, memória e palavras em movimento. Nesse caminho, a palavra adquire, pois, um caráter sagrado (HAMPATÈ BÂ, 2010). Tal palavra busca a forma do mito, do conto, da narrativa para cumprir as suas funções, quer seja de vincular o homem à divindade, quer seja para guardar e veicular saberes.

Portanto, essa arte-pedagógica de contar histórias, desenvolvida pelos antepassados, ainda cumpre importante papel para que as histórias continuem vivas até os dias atuais, exercendo função de transmissão de saberes que retratam conhecimentos práticos, psicossociais e artísticos de antepassados. Também atua, conforme Matos e Sorsy (2009), como fator de coesão social, fortalecendo toda trajetória de lutas, conquistas

² De acordo com Santos (2010), originalmente, o termo *griots* se refere aos contadores de histórias da tradição oral em algumas sociedades africanas, especificamente à pessoa encarregada de resguardar e transmitir as histórias, lendas e canções de seu povo, passando a tradição de pai para filhos, mantendo assim a identidade do local, de modo que essas histórias não viessem a ser esquecidas.

e superações, bagagem que de certa forma, ao serem propagadas, atravessa várias gerações.

Ao abordar o ato de contar histórias e suas contribuições para o desenvolvimento da criança, Bettelheim (2015) salientou como a contação de histórias é uma prática relevante para o desenvolvimento da socialização e aprendizagem da criança, a qual deve ser estimulada, desde os primeiros anos de vida, para que possa ter contribuições na sua formação pessoal, intelectual, em suas fantasias e encantos.

Segundo Flaviano et al. (2017), são essas experiências construídas na infância que subsidiarão a formação do caráter, da personalidade e da consciência. Dessa forma, a criança deve ser inserida em uma cultura que estimule o pensar, o sentir, o expressar e o experienciar, fatores que são componentes da contação de histórias e que despertam a sensibilidade, a emoção e o autoconhecimento, na mesma medida em que a ensinam, instruem e a preparam para a vida.

Tendo em conta a contextualização e a relação das histórias tradicionais com a socialização infantil, partiremos para as discussões acerca dos resultados obtidos através das técnicas de produção de informações realizadas junto às contadoras tradicionais das comunidades quilombolas do Boitaraca e Jatimane, ambas consideradas como griots de referência em suas comunidades. É importante ressaltar que essa discussão corrobora as categorizações do tema em dois momentos no percurso da pesquisa.

No primeiro momento, é trazida a importância das histórias tradicionais, assim como os papéis dos griots e no segundo momento aborda a relevância da prática da contação para o desenvolvimento da socialização e interação da classe infantil na sociedade. Dessa forma, como foi supracitado, daremos início às discussões acerca dos resultados obtidos a partir das seguintes categorias de análise: a) A tradição de contar histórias ancestrais e b) A socialização a partir da contação de histórias.

O processo de guarda de memórias de ambas as comunidades se deu a partir da narrativa oral, método de propagação de conhecimentos utilizados por antepassados, sendo essas informações evidenciadas a partir dos próprios relatos das griots, que durante a entrevista informaram que por meio de rodas de contação, ouviam as histórias dos seus antepassados com muito entusiasmo e atenção, já que naquela época não tinham registros escritos, fato lamentado por elas.

Mascarenhas e Oliveira (2017), ao discutirem sobre as *Narrativas de Tradições Oraís e suas Manifestações*, retratam como ocorre esse processo de memorização: “Muitos conhecimentos e saberes produzidos no interior dessas sociedades são transmitidos oralmente de geração em geração, constituindo, desse modo, uma tradição oral” (MASCARENHAS; OLIVEIRA, 2017, p. 3). Contudo, é revelado, a partir das falas das representantes, a necessidade de ter os registros escritos dessas histórias como forma de “testamento”, para que, de alguma forma, sejam acompanhados os avanços da sociedade e as histórias não sejam perdidas com o tempo, embora ocorram muitas críticas à sobreposição que a tradição escrita tem sobre a oralidade. Mascarenhas e Oliveira (2017) sinalizam que

[...] De modo equivocadamente, entende-se que todo saber é regido pela tradição escrita, sendo que esta é um veículo de herança cultural, o que muitas vezes nos leva à falsa impressão de que a escrita se sobrepõe sobre todas as outras formas de preservação de um saber (MASCARENHAS; OLIVEIRA, 2017, p. 3).

Tendo isso em vista, é importante mencionar que ambas as modalidades de transmissão e registro são essenciais para manter essas histórias “vivas”, assim como também todo o legado desses povos, de modo que possam vir a respeitar o espaço transitório entre o ouvir, o recontar e o escrever sem ignorar a necessária valorização da oralidade no texto escrito.

As contadoras entrevistadas pontuam que a atuação enquanto mestres na transmissão de histórias tradicionais é uma realidade para ambas, considerando que essa ação se faz necessária e importante para que os costumes e tradições sejam consolidadas e propagadas em diferentes épocas.

Diante dos relatos, fica evidente que as contadoras continuaram com a tradição de repassar as histórias para os membros da comunidade como forma de perpetuar o legado, dando continuidade aos ensinamentos dos seus griots. Isto está refletido na fala das autoras Mascarenhas e Oliveira (2017, p. 3) sobre a tradição oral que

[...] preserva a cultura de um povo e, por conseguinte, preserva a sua identidade e sua história. No que diz respeito às comunidades quilombolas, a preservação de suas tradições lhes garante manutenção de sua identidade e maior participação na sociedade e melhores condições na luta por direitos (MASCARENHAS; OLIVEIRA, 2017, p. 3).

Partimos para as discussões da segunda categoria de análise referente à socialização infantil, por meio da contação de histórias tradicionais, que buscou investigar se havia o hábito de narrar as histórias tradicionais para as crianças da comunidade como uma forma de potencializar a socialização.

Nas comunidades, as contações de histórias tradicionais continuaram fazendo parte dos costumes, assim como a passagem de geração em geração é efetuada, fazendo com que as crianças ainda tenham acesso às histórias, podendo, dessa forma, socializá-las em diversos ambientes, seja escolar, familiar e de lazer. Para Silva (1986), é de grande importância a contação de histórias na vida de uma criança, pois é uma prática que tem o poder de enriquecer o imaginário, a criatividade e a oralidade, auxiliando no desenvolvimento da linguagem, contribuindo com o enriquecimento do vocabulário, incentivando a prática da leitura e transmitindo conhecimento e valores, elementos esses considerados basilares para o seu desenvolvimento.

Ao abordar a importância da contação de histórias tradicionais para o desenvolvimento da socialização infantil, os relatos das representantes quilombolas enfatizam o quanto ela é fundamental para uma infância mais afetiva, criativa e divertida, partindo de suas experiências enquanto criança e ouvinte, umas mais efetivas que outras. As considerações a respeito da relevância da contação para o desenvolvimento infantil levam em consideração as próprias vivências pessoais das contadoras com a narrativa oral, cujo contato colaborou, segundo a representante do Jatimane, para seu desenvolvimento pessoal e profissional.

É notória a ênfase da importância de repassar as histórias dos seus povos para as crianças da comunidade como forma de pertencimento e identidade. A representante do Jatimane parte de um lugar de experiência sobre o contato com a história do seu povo desde a infância, o que a levou ao aprimoramento da sua construção pessoal enquanto mulher preta e que milita constantemente sobre os direitos, sobretudo dos quilombolas.

Por meio dessas vivências, ela assume um papel de voz ativa, na tentativa de repassar esse legado para as futuras gerações. Enquanto a representante do Boitaraca,

embora não tenha tido essa vivência desde a infância, enfatiza, ainda assim, o apreço e entendimento da influência que tem a contação para a socialização das crianças.

Autores como Hampatè Bâ (2010) e Vansina (2010), ao discutirem em seus textos sobre a tradição oral e sua metodologia e Tradição viva, no livro *História Geral da África*, abordam a importância da preservação e perpetuação dessas narrativas orais, que carregam grandes legados, não permitindo que caiam no esquecimento, contribuindo, por sua vez, que sejam propagadas para outras gerações.

Dessa forma, os resultados desta pesquisa demonstram que, a partir do momento em que essas histórias podem, através do lúdico, ser mediadoras da socialização infantil, também podem preservar o legado dos povos tradicionais, além do desenvolvimento da criança, enquanto um ser ativo e pertencente às suas tradições, levando-as a desenvolver o repertório linguístico, cultural e psicossocial.

Terapêutica(s) por meio da Contação de Histórias

A partir dos resultados apresentados e da discussão realizada nas seções anteriores, que apontaram para o potencial terapêutico da contação de histórias nos âmbitos da linguagem e da socialização, buscamos, neste momento, refletir um pouco mais sobre a pluralidade terapêutica das narrativas orais, de modo a evidenciar que as práticas de oralidade apresentam outros alcances para além do estímulo à imaginação e à mediação de conflitos de natureza afetiva, circunscrevendo um espaço caracterizado por múltiplas ações terapêuticas. Para isso, discutimos como a contação de histórias está marcada por uma série de elementos que a colocam como possível instrumento de alguns tratamentos, dentre eles, a elaboração de conflitos emocionais, o desenvolvimento da linguagem e o estímulo à socialização.

De acordo com Rezende (2010), o termo terapêutica é “uma tradução do grego *therapeutiké*, que significa a arte, a ciência de escolher as terapias adequadas às diversas doenças” (REZENDE, 2010, p. 149). Para o autor, essa ciência, por muito tempo, teve maior prevalência no campo da medicina, por consistir em métodos que visavam intervenções voltadas para os aspectos de tratamento e melhoria das condições de saúde física dos pacientes. No entanto, Lemos e Silva (2012) afirmam que, atualmente, esse método passou a se tornar interdisciplinar, abrangendo contribuições para além da medicina, tornando-se relevante também para outros campos.

Em conformidade com isso, destacamos, na introdução deste trabalho, os efeitos terapêuticos do ato de contar histórias em contextos de saúde mental, a partir das ideias postuladas por Bettelheim (2015) e Gutfreind (2020) acerca do tema. Esses autores não só demonstraram a importância dos contos de fadas para o desenvolvimento psicossocial dos sujeitos, o que envolve a possibilidade de compreensão das próprias emoções e a capacidade de estabelecer identificações, como também constataram, através da prática clínica, a potência mediadora das narrativas orais na resolução de conflitos intrapsíquicos e sua presteza enquanto material voltado à simbolização.

É o modo como o conto de fadas se apresenta, ou melhor, é a sua estrutura inacabada que o torna, segundo Bettelheim (2015), tão propício à subjetivação da criança, tendo em vista que, para o autor, as histórias estimulam a imaginação, exercitam o intelecto, elucidam os afetos, dão ‘corpo’ às angústias e aspirações, ao passo que delineiam possibilidades de resolução para os problemas vivenciados, mas pouco reconhecidos e elaborados por parte da criança, em função do próprio estágio de desenvolvimento em que se encontra. Daí o autor afirmar que “sua forma e estrutura

sugere à criança imagens com as quais ela pode estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção à vida” (BETTELHEIM, 2015, p. 14).

Nesse sentido, para Bettelheim (2015), aspectos comuns aos contos de fadas viabilizam sua função terapêutica, dentre os quais destacamos: a) o fato do conto apresentar sempre um dilema a ser resolvido, na maioria das vezes existencial, de forma simples e concisa; b) as dificuldades humanas básicas se encontram sempre presentes; c) virtudes, a exemplo do bem e do mal, estão materializadas em personagens; d) há espaço para a ambivalência afetiva por meio da polarização de personagens e e) as soluções dos conflitos da história tendem também a se apresentar de forma menos complexa.

Por conta de tais características, o autor considera que a criança consegue não só visualizar os aspectos internos que vivencia na história narrada, mas encontra nela modos de resolução para os conflitos que experiencia, tendo em vista que o desenrolar da trama sugere soluções, não de forma direta, já que se apresentam através de representações das quais o sujeito poderá extrair inúmeros significados. Também Gutfreind (2020) sinaliza como uma história assume um lugar de metáfora, servindo-se à criança como instrumento de simbolização de uma vivência íntima e particular, por isso o autor frisa que um mesmo conto promove a expressão de diferentes afetos e distintas vivências subjetivas.

A natureza metafórica do conto de tradição oral vem sendo destacada desde Benjamin (2020), autor que considera que as experiências partilhadas em uma história se apresentam de modo aberto, dialogando, por conseguinte, com as experiências do ouvinte que, ao invés de recebê-las acabadas, as apreende a partir de seu arcabouço de vivências, podendo (re)transmiti-las de modo completamente diferente. Costa (2015), ao analisar as velhas e novas formas de narrar, ratifica a ideia de narrativa proposta por Benjamin (2020), ao afirmar que elas passam por processos de apropriação e recriação que apontam para sua plasticidade e inacabamento.

Logo, a partir do que a autora apresenta, depreendemos que as histórias repassam valores e crenças e servem de meio para a resolução de impasses, mas nunca de forma homogênea, pois cada história produzida se adequa àquele que a põe em circulação, atualizando-a e a fazendo transitar por novos caminhos. A nosso ver, é essa plasticidade, condizente com a natureza metafórica do texto, que torna o conto oral um rico instrumento de identificação, de expressão de sentimentos e de esteio para a resolução de problemas subjetivos por garantir modos de simbolização diversos.

Ademais, o fazer do contador de histórias contribui para que o texto produzido seja singular e rico de sentidos. Em conformidade com isso, Matos (2014) sinaliza que para além da palavra proferida pelo contador, há em sua narrativa uma poética construída pela *performance*, isto é, por gestos da presentificação do sujeito no próprio discurso elaborado durante a contação, que imprime corpo e voz no que está sendo contado. Zumthor (1997) define *performance* como “ação complexa pela qual uma mensagem poética é simultaneamente, aqui e agora, transmitida e percebida. Locutor, destinatário e circunstâncias [...] se encontram concretamente confrontados, indiscutíveis” (ZUMTHOR, 1997, p. 33).

A noção apresentada por Zumthor (1997) parece-nos demarcar uma interrelação entre os sujeitos envolvidos no ato da contação, pois compreende, a nosso ver, mais que uma ação realizada a partir do uso de recursos e estratégias, mas diz respeito a um instante em que um sujeito empreende uma ação poética que o aproxima de um outro sujeito que a percebe, apreende-a, e se deixa afetar, de acordo com o autor, por recepção. Assim, a compreensão de que o ato de contar histórias está, não só atravessado, mas constituído por performances, amplia as possibilidades terapêuticas dessa prática, já que os efeitos

do corpo, da voz e da interação com um sujeito que enuncia traz ressonâncias para além do conteúdo da história e do texto como suporte de simbolização.

Tendo isso em vista, além das características mencionadas acerca do conto, demarcam-se outros elementos da contação que, a partir do que foi observado nos resultados dos dois subprojetos, conferem a ela potenciais terapêuticos. Dentre eles, Matos (2014) destaca os gestos, movimentos, vocalizações, vestimentas, acessórios musicais e o próprio ambiente, todos produzidos na cultura daquele que deles faz uso. Para a autora, todos eles são meios pelos quais o contador se expressa e dialoga com seus interlocutores, de modo que se inscrevem como convocatórios da interação. É dessa possibilidade de comungar com o auxílio dos elementos constitutivos da performance que vemos se delinear terapêuticas da linguagem e da socialização. Isso porque, como já mencionamos, uma terapêutica psicanalítica da linguagem pressupõe, segundo Jerusalinsky (2004), que uma criança participe enquanto interlocutor de atos dialógicos, a fim de que possa se expor à língua em funcionamento. No momento em que os gestos, expressões e demais instrumentos performáticos convocam à partilha do que é enunciado, tais elementos têm potencial de atuar terapêuticamente à entrada e sustentação do sujeito na linguagem.

Considerações finais

Buscamos, neste trabalho, a partir dos resultados obtidos em dois subprojetos de IC, discutir as dimensões terapêuticas da linguagem e da socialização envolvidas no ato de contar histórias, de modo a evidenciar a pluralidade de possibilidades terapêuticas que a contação de histórias comporta. As duas pesquisas desenvolvidas na IC fizeram uso da entrevista narrativa como instrumento de interface com os sujeitos envolvidos, além do registro videográfico dos contos e das performances efetuadas pelos contadores de histórias entrevistados.

No subprojeto *Contação de Histórias e Psicanálise: a musicalidade e a ritmicidade da voz nos processos de desenvolvimento da linguagem*, os contadores C e Z realizaram atos de contação utilizando recursos paralinguísticos que conferiram cadência e musicalidade às histórias narradas, dentre eles, alguns estão presentes no manhês, modo particular de fala empreendido por adultos quando se dirigem às crianças pequenas e que, segundo a teoria psicanalítica, contribui para a aproximação da criança à língua materna, introduzindo-a em seu funcionamento, passo crucial para sua entrada na linguagem.

O tom de voz mais alto e o uso de voz mais aguda foram elementos do manhês que apareceram com muita frequência na performance de Z, já na de C, observou-se a fala mais lentificada e o uso de alongamentos vocais como elementos do manhês que foram usados com maior recorrência. Apesar das características do manhês não terem se presentificado em sua totalidade nas histórias contadas pelos dois sujeitos de pesquisa do subprojeto, o uso alternado dos elementos mencionados apontam para a possibilidade dos contadores de histórias servirem-se de aspectos desse modo de fala, tornando o conto mais atrativo para crianças pequenas, o que, por conseguinte, favorece sua participação em um ato cuja língua está em funcionamento, colaborando, pois, para que se efetivem ações que contribuam para o desenvolvimento da linguagem.

Ademais, outros recursos conferiram sonoridade à história narrada, a exemplo de figuras de linguagem, como assonâncias e rimas, potencializando a musicalidade e a ritmicidade da história. Também destacamos que, além do uso de elementos que sonorizam e ritmizam a história, os contadores participantes da pesquisa, mais

acentuadamente C, suscitaram a participação das crianças para a construção da história, convocando-as, portanto, a assumirem um lugar enunciativo, fazendo-as, também, operarem a língua nos atos de contação, gesto que otimiza ainda mais o potencial terapêutico da linguagem no ato de contar histórias.

Já no subprojeto *Histórias Contadas por Contadores Tradicionais* que buscou investigar a possibilidade da utilização da contação de histórias como instrumento terapêutico para o desenvolvimento da sociabilidade infantil, foi evidenciado que o ato de contação de histórias tradicionais apresenta potencial de promoção de aspectos da socialização infantil, o que aponta para um eventual desenvolvimento de competências sociais necessárias para uma saudável vivência em sociedade, abrindo possibilidades de pesquisa nesta direção.

Por mais que a contação de histórias seja considerada como uma técnica antiga, pôde-se constatar seu uso imbuído de intencionalidades relacionadas à promoção de benefícios na vida das crianças e, para além delas, na medida em que possibilitam a circulação de novos conhecimentos. Sendo assim, o ato da contação de histórias tradicionais possui relações tanto com a perpetuação do legado das culturas e ancestralidades dos povos tradicionais, quanto para o desenvolvimento infantil.

Desse modo, os subprojetos apontaram para possibilidades terapêuticas de linguagem e socialização respectivamente com o uso da contação de histórias, demonstrando que a terapêutica do ato de contar histórias vai além da resolução de conflitos e da mediação de problemas afetivos. Isso aponta também para a multiplicidade de uso da contação de histórias, circunscrevendo-a, por conta disso, em múltiplos espaços. No entanto, é necessário ampliar as pesquisas a respeito do uso terapêutico da narrativa oral, explorando ainda mais este potencial, incluindo novos trabalhos que investiguem a linguagem e a socialização como dimensões terapêuticas do ato de contar histórias.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa/Portugal: Edições 70, 1977.

BENJAMIN, Walter. *O contador de histórias e outros textos*. Tradução: Georg Otte, Marcelo Backes, Patrícia Lavelle. 2 ed. São Paulo: Hedra, 2020

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Tradução: Arlene Caetano. 30 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

BUSATTO, Cléo. *Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa*. 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CATÃO, Inês. *O bebê nasce pela boca: voz, sujeito e clínica do autismo*. São Paulo: Langage, 2009.

COSTA, Edil Silva. O contador de histórias tradicionais: velhas e novas formas de narrar. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes; MORAES, Taiza Mara Rauen (Orgs). *Contação de Histórias: tradição, poéticas e interfaces*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015.

COUVERT, Marie. *A clínica pulsional do bebê*. São Paulo: Instituto Langage, 2020.

- FERREIRA, Sílvia. A interação mãe-bebê: primeiros passos. In: WANDERLEY, Daniele de Brito (Org.) *Palavras em torno do berço*. Salvador: Ágalma, 1997.
- FLAVIANO, Sebastiana de Lourdes Lopes et al. A influência da contação e histórias na educação infantil. *Revista Mediação*, v. 12, n.1, p. 30-48, 2017. Disponível em: <<https://www.revista.ueg.br/index.php/mediacao/article/view/6368>> Acesso em 29, jun., 2022.
- GOMES, Adriano Lopes. A Voz que vem de longe: os códigos paralingüísticos na compreensão de narrativas oralizadas. *Anais do XXVI INTERCOM, Belo Horizonte (MG)*, 2003. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP04_gomes.pdf> Acesso em: 12, jul., 2020.
- GROISMAN, Mariana; JERUSALINSKI, Alfredo. Terapêutica da linguagem: entre a voz e o significante. In: JERUSALINSKI, Alfredo (Org.). *Psicanálise e desenvolvimento infantil: um enfoque transdisciplinar*. Tradução: Diana Myriam Lichenstein et ali. 6 ed. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2018.
- GUTFREIND, Celso. *O terapeuta e o lobo: a utilização do conto na clínica e na escola*. Porto Alegre: Artmed, 2020.
- HAMPATÈ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph. *História geral da África*. 2.ed. Brasília: UNESCO, 2010.
- JERUSALINSKY, Alfredo. O código da língua e a função simbólica. In: VORCARO, Angela. (Org.) *Quem fala na língua?: sobre as psicopatologias da fala*. Salvador: Ágalma, 2004.
- JERUSALINSKY, Julieta. *A criação da criança: brincar, gozo e fala entre a mãe e o bebê*. Salvador: Ágalma, 2014.
- LAZNIK, Marie-Christine. *A voz da sereia: o autismo e os impasses na constituição do sujeito*. Salvador: Ágalma, 2021.
- LEMONS, Ana Carolina; SILVA, Nyêdja Cariny Gomes. A função terapêutica da arte de contar histórias. *Intersemiose Revista Digital*, v. 01, n.01, 2012.
- MACHADO, Regina. *A arte da palavra e da escuta*. São Paulo: Editora Reviravolta, 2015.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 2003.
- MASCARENHAS, Mayre Dione Mendes da Silva; OLIVEIRA, Sidney da Silva. Narrativas, Tradições Oraís e suas manifestações nos Territórios Quilombolas África e Laranjituba, Moju Pa: a narrativa do Emu—a bebida sagrada. *SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*, v. 29, 2017. Disponível em: <https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502475660_ARQUIVO_ARTIGO_COMPLETO_XXIX_SNH.pdf> Acesso em: 29, jun., 2022.

MATOS, Gislayne Avelar. *A palavra do contador de histórias: sua dimensão educativa na contemporaneidade*. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

MATOS, Gislayne Avelar; SORSY, Inno. *O ofício do contador de histórias: perguntas e respostas, exercícios práticos e um repertório para encantar*. 3 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

REZENDE, Joffre Marcondes. Terapia, terapêutica, tratamento. *Revista de Patologia Tropical / Journal of Tropical Pathology*, Goiânia, v. 39, n. 2, p. 149–150, 2010. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/iptsp/article/view/10734>> Acesso em: 29, jun., 2022.

SANTOS, Robson. Ao pé do fogo... conversas sobre oralidades. TIERNO Giuliano. (Org.) *A arte de contar histórias: abordagens poética, literária e performática*. São Paulo: Ícone, 2010.

SILVA, Ezequiel Teodoro da. *Leitura e a realidade brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

SISTO, Celso. *Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias*. 3 ed. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

SOUZA, Angela Leite de. Fadas: três séculos ou três milênios? In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes; MORAES, Taiza Mara Rauen (Orgs). *Contação de Histórias: tradição, poéticas e interfaces*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015.

VANSINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. In: KI-ZERBO, Joseph. *História geral da África*. 2.ed. Brasília: UNESCO, 2010.

VORCARO, Angela. (Org.) *Quem fala na língua?: sobre as psicopatologias da fala*. Salvador: Ágalma, 2004.

WAZLAWICK, Patrícia et al. Para a definição do conceito de socialização positiva de jovens. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, Blumenau, v.11, n.2, p.78-100, 2017. Disponível em: <<https://rica.unibes.com.br/rica/article/view/829/649>> Acesso em 29, jun., 2022.

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. Tradução: Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat, Maria Inês de Almeida. São Paulo: HUCITEC, 1997.